

DISCURSO E REFERENCIAÇÃO NO TEXTO MIDIÁTICO: A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE DISCURSO “MST” NA REVISTA VEJA

Josimere Maria da Silva

Instituto Federal de Alagoas/Universidade Estadual da Paraíba– E-mail: josimaria.11@gmail.com

Geam Karlo Gomes

Universidade de Pernambuco – E-mail: gkarlog@yahoo.com.br

Maria Alcione Gonçalves da Costa

Instituto Federal do Sertão Pernambucano – E-mail: alcione-costa@hotmail.com

Resumo: Enquanto prática de nomeação em eventos discursivos, a referenciação constitui-se num importante aspecto de análise linguística na medida em que pode nos revelar crenças, filiações institucionais e/ou políticas, bem como intenções e propósitos por parte do sujeito enunciador de um discurso. Trata-se, portanto, de um elemento fundamental na construção de nossas visões mundo. Por isso que, à luz das teorias que investigam o papel da mídia na produção e disseminação de práticas simbólicas e da Análise do Discurso Francesa, este trabalho busca investigar o funcionamento da referenciação enquanto atividade linguística por meio da qual os objetos de discurso são construídos e reproduzidos nas práticas discursivas. Para tanto, buscamos examinar na construção do objeto de discurso “MST” pela revista Veja, marcas discursivas reveladoras das intenções do sujeito enunciador e os possíveis efeitos de sua escolhas lexicais. Assim, se estamos trabalhando com um discurso midiático não poderemos nos furtar de uma reflexão sobre a maneira como as produções discursivas podem ser reguladas pelas instituições ou pessoas detentoras de poder. O objetivo maior é observar como as escolhas lexicais podem transformar um objeto de mundo num determinado objeto de discurso que atenda aos propósitos do enunciador, mas também sem deixar de pensar criticamente as implicações de tais escolhas no estabelecimento da comunicação.

Palavras-chave: Discurso, poder, mídia, referenciação.

Introdução

Os objetos de discurso não são categorias fixas, mas objetos que se constroem no interior da própria prática discursiva, por meio de diversos recursos linguísticos, entre os quais se encontra a referenciação - uma atividade através da qual o sujeito significa ou ressignifica *estados de coisas* de acordo com seu posicionamento ideológico.

Como o processo de referenciação é operado por um sujeito sócio-historicamente constituído, acreditamos que toda escolha léxico-gramatical se caracteriza como uma atividade que se constrói a partir das percepções culturais, políticas, sociais e ideológicas do referido sujeito. Com base nisso, entendemos que a análise de tal processo pode nos oferecer importantes pistas sobre as crenças/posições sociais do sujeito produtor e, conseqüentemente, da sociedade na qual se insere.

Com o intuito de observar a manifestação dessas práticas sociais e ideológicas no discurso, compreendendo como a mídia constrói e estabiliza seus objetos, neste trabalho analisamos a forma como o MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra – é discursivizado na Revista Veja, com vistas a observar como tal revista, mediante processos de referenciação, constrói objetos de discurso referentes ao MST sob uma determinada ótica do evento no qual o grupo em questão está inserido.

Na seqüência apresentamos algumas considerações teóricas acerca da construção de um objeto de discurso, condições de produção, construção de sentido, mídia e sociedade e, em seguida, empreendemos a análise do *corpus*.

A ideologia como fator constitutivo dos sentidos

Na Análise do Discurso pecheutiana, a ideologia é considerada um fator constitutivo do sentido e do próprio sujeito do discurso, uma vez que, segundo Pêcheux (2009, p. 145), a ideologia “*produz o sujeito no lugar deixado vazio*”, assim como fornece as evidências que fazem com que as palavras e os enunciados signifiquem uma coisa e não outra, sendo importante ressaltar que, tanto a evidência do sentido quanto a evidência do sujeito, são produzidas pelo “complexo das formações ideológicas” com as quais os sujeitos se identificam. Isso significa dizer que os sentidos e o sujeito do discurso não têm origem em si mesmo, mas são efeitos ideológicos. Por isso que o discurso, em Pêcheux, é concebido como um efeito de sentido entre sujeitos.

Segundo Fernandes (2008 p.13), o discurso é definido como uma categoria que é exterior à língua, que se encontra no social e que “*envolve questões de natureza não estritamente linguística*”.

O que evidencia que o discurso envolve aspectos sócio-históricos e ideológicos que se dão a partir dos próprios sujeitos que o materializam de alguma maneira. Ora, é na maneira como o discurso é materializado que podemos encontrar possíveis pistas para o seu alcance ou entendimento. As escolhas lexicais, por exemplo, para Fernandes, são reveladoras de ideologias adversas. Daí que analisar um discurso significa considerar “suas condições sócio-históricas e ideológicas de produção” (p.15). Por ser exterior à língua, ou seja, por estar inserido no social, é que o discurso apresentará possíveis divergências. Estas surgirão especificamente das posições ideológicas dos sujeitos ou grupos sociais, gerando os conflitos.

Diante disso, podemos nos perguntar: de onde vêm os sentidos ou efeitos de sentidos produzidos em um discurso? Segundo Pêcheux (2009), os sentidos são constituídos de acordo com a Formação Discursiva (doravante FD) com a qual os sujeitos se identificam. Em linhas gerais a FD pode ser entendida como “um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos, que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando ‘o que pode e deve ser dito’” (INDUSKY, 2008, p. 11), sendo importante ressaltar que, segundo Pêcheux (2009), as FD são constitutivamente heterogêneas, por abrigar a contradição em seu interior, assim como possuem fronteiras porosas que permitem o deslizamento de sentidos. Na verdade, as FD materializam a ideologia e acabam cristalizando determinados sentidos e silenciando outros.

Para Fernandes (2008 p.14), os sentidos, “são produzidos em decorrência da ideologia dos sujeitos em questão, da forma como compreendem a realidade política e social na qual estão inseridos”. Assim, os sentidos vêm das relações sociais dos sujeitos face ao ambiente sócio-histórico em que se inserem e atuam constantemente. São os lugares ocupados por esses sujeitos que produzirão os sentidos. Assim, “uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico daqueles que a empregam” (FERNANDES, 2008, p.15).

O processo de referenciação e a construção de um objeto de discurso

Ao compreenderem que a referenciação é uma atividade discursiva, Mondada e Dubois (2003, p. 17) argumentam que “as categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos”. Daí, entendemos que os objetos de discurso têm sua configuração estabelecida apenas em práticas reais de comunicação e, por isso mesmo, estão inseridos em contextos que são tidos como definidores de seus sentidos.

Sendo assim, fica evidente que referir de um modo e não de outro tem a ver com as visões de mundo, com os valores existentes no interior de uma prática discursiva. Os objetos de discurso não são, pois, construídos a partir de uma relação direta entre as palavras e as coisas. Insere-se, aqui, o conceito de Referenciação colocado por Rastier como um processo que “não diz respeito à ‘uma relação de representação das coisas ou dos estados de coisas, mas a uma relação entre o texto e a parte não linguística da prática em que ele é produzido e interpretado” (*apud* MONDADA; DUBOIS, 2003 p.20).

Ainda segundo os autores, imaginar uma utópica relação perfeita entre as palavras e as coisas apresenta dois vieses: o de que os objetos são instáveis e também que eles têm propriedades fixas mesmo quando evoluem ou se transformam. Por outro lado, partir desta perspectiva pode significar “interpretar as atividades do sujeito como marcadas pelas ‘negligências’ [...] imputáveis também às imperfeições das línguas ‘naturais’”. Assim, o processo de referenciação, porque tem que lidar com estas perspectivas, se dá a partir de negociações diretamente ligadas ao caráter intersubjetivo das denominações. Há que se considerar, portanto, no processo de referenciação, a presença de sujeitos sociohistoricamente construídos numa dialetologia inerente ao processo de nomeação do real.

Considerando esta instabilidade, seguimos para a ideia de que as “categorias” usadas para nomear algo são mutáveis e diversas. Essa possibilidade de variação das categorias, ao mesmo tempo, dá plasticidade à linguagem e garante a possibilidade de “adequação contextual”. Uma recategorização permite um reenquadramento do objeto de discurso, levando-o a transformações contextuais que acabam por atribuir-lhe aspectos antes não percebidos. Estas variações “podem ser ligadas ao fato de que a competência do locutor supõe a capacidade de nomear uma variedade de novos objetos em situações novas” (MONDADA; DOBOIS, 2003, p.25).

Não há ponto fixo, pois, quando se fala de referenciação. Um objeto de discurso pode modificar-se a depender do contexto ou do ponto de vista dos sujeitos do discurso. Assim, podemos dizer que o posicionamento ideológico é determinante nas “escolhas” léxico-gramaticais dos sujeitos, o que possibilita que um mesmo objeto se apresente como novos objetos imbuídos de novos significados. Daí que “As categorias não são nem evidentes nem dadas... Elas são o resultado de reificações práticas e históricas de processos complexos” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p.28). Assim, compreendemos que as categorias utilizadas na construção de um objeto de discurso MST na revista *Veja são*, também, resultantes de todo este processo sócio-histórico e ideológico.

Mídia e sociedade

É impossível conceber a era da *Web* sem pensar o fenômeno midiático. As mídias, segundo Charaudeau (2009, p. 15), são um suporte organizacional que se apossa das noções de informação e comunicação para integrá-las em suas diversas lógicas – econômica, tecnológica e simbólica. Embora não possamos ignorar as lógicas econômica e tecnológica, já que elas buscam fazer viver uma empresa e estender a qualidade e quantidade de sua difusão, respectivamente, para o autor, é sobre a lógica simbólica que devemos nos debruçar e dedicar maior interesse, uma vez que é por meio dela que “os indivíduos regulam suas trocas sociais, constroem as representações dos valores que subjazem suas práticas, criando e manipulando signos e, por conseguinte, produzindo sentido” (CHARAUDEAU, 2009, p. 16).

Assim como qualquer discurso, o discurso midiático se apoia nas condições específicas de troca na qual ele surge. Charaudeau (2009, p. 67) argumenta que “a situação de comunicação constitui assim o quadro de referência ao qual se reportam os indivíduos de uma comunidade social quando iniciam uma comunicação”. É, portanto, o quadro de referência que atribui valor aos atos de linguagem e atribui sentido à realidade. Desse modo, a depender da relação estabelecida entre os atores de um determinado contrato social, o acontecimento pode ter um ou outro significado.

Assim, de acordo com Charaudeau (2009, p. 72), a comunicação midiática põe em destaque a relação entre duas instâncias que são a base de sua composição - as instâncias de produção e recepção. A instância de produção é responsável por construir uma enunciação aparentemente unitária e homogênea do discurso midiático, cuja intencionalidade corresponde a um projeto comum assumido por esses atores e que representa a ideologia do organismo de informação. Já a instância de recepção, subdividida em “destinatário-alvo” (público ideal) e “receptor - público” (público real), diz respeito às diferenças existentes entre um público e outro, diferenças estas que determinam a maneira como o aparelho midiático constrói seu discurso e mede as reações do seu público. Desse modo, o contrato de comunicação estabelecido entre essas instâncias, ao mesmo tempo em que determina o modo como a mídia se reportará a um determinado referente, determina também o posicionamento do público no que diz respeito à interpretação deste em relação à mídia.

Já no tocante a construção da notícia, Guareshi (2004, p. 147) aponta dois mecanismos frequentes, o da *seleção* e o da *combinação* de mensagens. No primeiro caso, dentre todo o acontecimento a ser relatado/noticiado são selecionados apenas as partes que interessam ao órgão responsável pela notícia. No segundo, o mecanismo consiste em relacionar determinados fatos a

determinados grupos, de acordo com os interesses da empresa midiática. Logo, aquilo que se noticia não corresponde à realidade propriamente dita, mas a uma construção realizada a partir de um determinado ponto de vista, obedecendo a critérios de coerência estabelecidos pelo contrato comunicativo e objetivando atender aos interesses sociais dos atores que compõem esse *contrato*. Por isso que, segundo Guareshi, quando apreendemos o discurso da mídia partimos de um *pressuposto falso*, ou seja, acreditamos que o que vai ser dito (noticiado) é verdade e é a realidade. Para ele, “São poucos os que se colocam diante das notícias com uma atitude crítica – necessidade de se ver no mínimo dois lados da mesma situação” (GUARESSHI, 2004, p. 147).

Um discurso estigmatizado (Análise do corpus)

Antes de começarmos nossa análise, cabem alguns esclarecimentos sobre o ‘objeto’ da nossa análise e também sobre os veículos de sua divulgação com especial destaque para alguns termos e expressões dada a carga semântica que trazem em si.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST – é um movimento legítimo que luta pela Reforma Agrária no Brasil e que tem origem no problema da concentração de terra existente no país. Problema este construído historicamente desde o processo de colonização e do conseqüente estabelecimento da estrutura latifundiária concentradora. Já a Revista Veja, pertencente ao grupo Abril, tem milhares de assinantes, a maioria de alto poder aquisitivo. Vale lembrar que este veículo de comunicação é patrocinado por grandes marcas/empresas e, portanto, se caracteriza como um instrumento de afirmação da sociedade capitalista - desigual, excludente, concentradora de renda, competitiva.

Koch (2004, p; 51) argumenta que os objetos que compõem nossa realidade são construídos “por toda uma rede de estereótipos culturais”. Essa rede condiciona nossa percepção do mundo e é reproduzida e mantida por meio da linguagem. Considerando, nesses termos, que os objetos de discurso se constroem no próprio discurso, observaremos a partir de agora como se dá o processo de lexicalização do objeto “MST”.

As escolhas lexicais presentes nos textos permitem- nos observar a construção de um discurso marcado por forte negatividade acerca do MST. Observemos alguns aspectos relativos à linguagem utilizada pelo locutor: o uso do artigo definido para determinar MST; o uso de palavras de significado negativo; o uso de verbos que indicam ações destrutivas; o uso de sinônimos negativos para o MST.

No primeiro caso retiramos excertos de uma reportagem publicada pela revista em janeiro de 2010, páginas 65 a 67. O autor do texto, Otávio Cabral, fala claramente sobre um grupo de trabalhadores sem-terra que, segundo ele, devastou considerável área da fazenda Santa Marta, em Tailândia, Belém. Porém, em todo o texto, Otávio se refere ao Movimento dos Trabalhadores Rurais com letra maiúscula e com artigo definido “o”, produzindo uma generalização que coloca todos os participantes do movimento como responsáveis pela devastação.

- (1) [...] **o** MST ataca [...]
- (2) **Os** sem-terra têm se especializado também em invadir fazendas no coração da Floresta Amazônica.
- (3) [...] **o** MST substituiu a foice pela motosserra.

As referidas construções evidenciam a ideia de que todo o Movimento está envolvido em tais ações. O que é logo desmontado quando se sabe que o MST tem militantes por todo o país e que nem todos participam do fato registrado na reportagem.

Se as formas de referência, como aponta Koch, “constituem escolhas do sujeito em função de um querer-dizer” (KOCH, 2003 p.35), concluímos que as escolhas do produtor do texto são visivelmente estratégicas e se encaminham para uma formação conceitual negativa acerca do MST como um todo. O uso do artigo definido “o”, na verdade, funciona como uma estratégia para caracterizar todo o Movimento a partir das ações de um grupo – embora negativas, tais ações foram praticadas por um grupo específico e em um determinado local, como mostra a própria reportagem. Da mesma forma identificamos o uso de outros termos, substantivos e adjetivos principalmente, que sugerem visível carga negativa: *mutação, banditismo, ilegal, desocupados, conivência, leniência, reprimir, coibir, caótica, desrespeito*, entre outros, são alguns exemplos. No contexto, ressalte-se que todos estes termos fazem referência, direta ou indiretamente ao MST como um todo.

Após a generalização colocada, o texto apresenta uma sequência de nomeações para substituir o termo MST:

- (4) **Cupins humanos**: os sem-terra encontraram na selva uma milionária fonte de renda com a extração ilegal de madeira.
- (5) **Predadores da Floresta** (Título da reportagem)
- (6) No caso dos **invasores**, a situação é caótica. (Veja, 13 de janeiro de 2010, p. 67).

São termos nominais que recategorizam o objeto de mundo MST, na medida em que lhe atribuem novos significados, transformando-o num objeto de discurso tendencioso, no sentido de que atende à ideologia de um grupo específico. Retomando Koch (2003, p. 35), poderíamos dizer que se trata de *remissões nominais* de caráter argumentativo. O que significa dizer que o objeto de mundo trazido à superfície do discurso através destas nomeações é ressignificado ao passo em que é associado a ideias negativas. A sequência de elementos lexicais acima define claramente o modo como a revista Veja deseja que o MST seja visto pelo leitor.

Outra forma de referência são os *encapsulamentos*, que tanto rotulam quanto criam um novo referente. São termos que tanto apresentam informação dada quanto informação nova. E aqui apresentamos também uma manchete 2016:

- (7) O caso mais emblemático da **nova modalidade de banditismo** do movimento pode ser observado na Fazenda Santa Maria [...] (Jan. 2010)
- (8) O Pará é a terra prometida dos **sem-terra da motosserra**. (Jan. 2010).
- (9) Lula participa de ato em defesa do “exercito” do MST. Trata-se, evidencia a polícia, de um **exército de criminosos**. (Nov. de 2016)

São formas de referência que são mobilizadas para construir ou reconstruir um determinado objeto de discurso e que podem facilmente levar o enunciador às conclusões pretendidas. Ao usar o termo “sem-terra da motosserra” e “exército de criminosos”, o produtor do discurso consegue, através do recurso da adjetivação, caracterizar o Movimento de uma maneira muito específica. Através do termo “motosserra”, considerando toda sua carga semântica no contexto em questão, o enunciador constrói a ideia de que os sujeitos representantes desse grupo fazem uso de uma ferramenta de destruição que deveriam rejeitar.

Já no caso de “nova modalidade de banditismo do movimento”, aqui se retoma uma informação anterior, explicitada no texto, de que o MST já é adepto da prática de outros crimes e, ao mesmo tempo, apresenta a informação nova de que está a praticar uma nova modalidade – a de devastar florestas. São “rótulos”, na verdade, que têm o poder, segundo Koch (2003, p. 40), de “induzir o leitor para determinadas conclusões”.

Um outro modo de referência apontado por Koch (2003 p.41) e que aqui nos interessa é a *remissão metadiscursiva*. Segundo a autora, uma remissão textual que converge para uma “rotulação” a partir do momento em que menciona um segmento anterior do texto com foco “na

própria atividade enunciativa, qualificando esse segmento como determinado tipo de ação ou atividade metadiscursiva”. Tomemos (12) para exemplificar:

- (10) “Eles invadem as minhas terras, destroem a floresta, impedem meu trabalho e eu ainda sou multado. É inaceitável.” **Protesta** Vitório Guimarães, dono da fazenda [...]. (Veja, 13 de janeiro de 2010, p.)

Observe-se o uso do verbo “protesta”. Além de seu aspecto semântico, é importante atentar para o fato de que ele é uma escolha do produtor do texto para referir metalinguisticamente a fala do entrevistado que aparece anteriormente entre aspas. O enunciador poderia ter usado verbos como “diz” ou “desabafa” e, no entanto, não o fez. Segundo Koch (2003, p. 44)

a escolha de expressões metalinguísticas e metadiscursivas, dentre as várias opções possíveis, é importante indício da opinião do locutor não só a respeito do discurso que está sendo rotulado, como também a respeito do próprio enunciador desse discurso.

Donde concluímos que a escolha do termo em questão não é vã nem inocente, mas transparece uma intenção do sujeito que dele faz uso, ou, ao menos, expõe a ideologia do grupo em que este se insere.

Atente-se também para o uso dos verbos em destaque nos trechos a seguir:

- (11) Como uma praga, o MST **ataca, destrói, saqueia** [...] (Jan. 2010)
(12) O MST **destrói** 15 anos de pesquisa em biotecnologia. (Mar. 2015)

A predicação é feita através de verbos que indicam ações negativas, reforçando a construção de um objeto de discurso com características específicas de determinadas pelo enunciador. Como se vê, passam-se os anos mas permanece o discurso negativo, como ilustra o exemplo 12.

Por último, tomaremos as *descrições nominais* enquanto formas de referenciação que implicam uma escolha segundo a proposta do produtor do texto. Para Koch (2003, p.35) esse tipo de referenciação é responsável pela ativação “[...] de características ou traços do referente que devem levar o interlocutor a construir dele determinada imagem”. Observemos os enunciados abaixo:

- (13) A **ação predatória** dos sem-terra [...]. (Jan. de 2010)

(14) “O que **os invasores** não conseguiram cortar, destruíram. (Jan. de 2010)

(15) O conflito entre fazendeiros e **predadores da floresta** já rendeu situações bizarras [...].
(Jan. 2010)

O uso termos como os destacados acima, na perspectiva de Koch (2003, p. 35) remete “à proposta enunciativa de seu produtor” e funcionam como argumentos na medida em que induzem o sujeito destinatário a formar uma ideia no lugar de outra. Em (13), o uso do adjetivo “predatória” induz o leitor a imprimir um significado específico à “ação” praticada pelos sem-terra. Da mesma forma, a descrição nominal “os invasores”, em (14), acaba por atribuir aos participantes do MST, o referente aí ativado, qual seja, a ideia de que invadem terras – uma imagem bem distanciada da real proposta do Movimento que é ocupar terras improdutivas como forma de reivindicar a realização da Reforma Agrária . A construção de um pressuposto negativo em relação ao MST aparece intensificada em (15), quando da ativação de “predadores da floresta”, imprimindo a ideia de que os sem-terra destroem o espaço pelo qual deveriam lutar. São formas de referenciação que configuram uma escolha estratégica e que tem como fim uma recategorização do MST. Ao mesmo tempo, estes termos explicitam a ideologia de sujeitos discursivos inseridos num contexto “X” que tornarão válidas tais escolhas lexicais na medida em que partilham essa ideologia com outros sujeitos.

É preciso questionar: o texto em análise traz a representação de uma realidade? A resposta pode ser sim, mas com ressalvas e parênteses. Existe um movimento que luta pela reforma agrária, esse grupo é formado por pessoas e é responsável por seus atos. Mas, ele é formado por subgrupos distribuídos por todo o país; logo, há que se relativizar os acontecimentos bem como suas autorias. O MST não pode ser inteiramente responsável pela ação de um grupo específico que “devasta florestas”. O fato de um grupo que pertence ao Movimento dos Trabalhadores Sem terra ter destruído parte de uma Floresta no Norte do país não significa ter todos os militantes desse Movimento envolvidos em tais ações, como dito anteriormente.

Lembremos que o texto em questão foi divulgado em um meio de comunicação que interessa a pessoas de alto poder aquisitivo e que, portanto, não vai professar a fé dos trabalhadores rurais. A ideologia que o texto carrega é a dos direitistas, que em geral rejeitam a ideia da Reforma Agrária. O discurso negativista acerca do MST representa o posicionamento daqueles que são os potenciais leitores de Veja e que veem os sem-terra como arruaceiros e desordeiros que vivem a praticar ações destrutivas, como sugerem os verbos da reportagem.

O discurso e a linguagem apresentados no texto mostram a existência de sujeitos ou identidades sociais delineados por influências externas. De um lado, os sem-terra, marcados pela

estigmatização dos que em tudo erram, até mesmo por lutarem pelo que acreditam ser seus direitos; do outro, a revista que ganha voz através do escritor do texto, ambos marcados pela ideologia de um grupo que luta incansavelmente pela manutenção do poder e riqueza.

Considerações finais

Nos recortes analisados, a construção do objeto de discurso “MST” pela revista *Veja* leva-nos a observar o lugar de onde o locutor se põe a dizer e sua posição, assumida frente ao movimento em questão, tendo em vista o modo como, em sua reportagem, ele identifica o movimento: uma posição ligada a filiações ideológicas e de poder construídas em torno da visão de uma sociedade capitalista, concentradora de renda e, por isso, excludente. Observamos também que as escolhas léxico-gramaticais componentes da reportagem analisada trazem à superfície do texto significações implícitas sobre o posicionamento ideológico do autor do texto, revelando a perspectiva pela qual o objeto de discurso foi elaborado e, ao mesmo tempo, sugerindo os caminhos percorridos na sua constituição.

Na verdade, vimos na reportagem a construção de um discurso tão negativista quanto radical envolvendo todo o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Um discurso carregado da ideologia de um grupo social que é excludente e ao mesmo tempo ferrenho quando se fala em aceitação, mudanças, flexibilidade. Nitidamente, um discurso unilateral dentro das lutas de classes: o discurso da ideologia burguesa. Ademais, as marcas discursivas ora analisadas revelam não só o pensamento do sujeito do discurso sobre o referente, como também representam a visão da “direita”, que nega a legitimidade do movimento pela Reforma Agrária e que, por isso mesmo, não se interessa em expor positivamente tal movimento.

Desta forma, entendemos que, ao nos depararmos com notícias de jornais, revistas ou mesmo telejornais, é necessário que façamos uma reflexão acerca da influência que estas mídias têm na formação tanto da opinião pública como da posição ideológica das pessoas como um todo. Para Guareshi (2004), o papel das notícias é de formação da “realidade” e construção de “verdades”, “fatos” e “acontecimentos”. Porém, ficou evidente que o que é retratado numa notícia ou reportagem não representa de fato uma situação como ela realmente se deu. O que ocorre comumente é que o sujeito enunciador do texto midiático levará a informação a público somente após ela passar pelo crivo de suas percepções, senão de sua filiação política e ideológica. E assim, inevitavelmente, a mídia acaba por divulgar discursos pautados por ideias distorcidas conforme sua conveniência.

Referências

- CHARAUDEAU, Patrick. Linguagem e discurso: **modos de organização**. Tradução: Angela M. S. Corrêa, Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____. **Discurso das mídias**. Tradução: Ângela S. M. Corrêa. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- DASCAL, Marcelo. **Interpretação e compreensão**. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2006.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: Reflexões introdutórias**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.
- GUARESCHI, Pedrinho. **Sociologia crítica: alternativas de mudança**. 55 ed.. Porto alegre: Edupucrs, 2004.
- INDUSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In INDUSKY F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTIMANN, S. (Org.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.
- MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães;
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.